

## Rosário Farmhouse

Alta-Comissária para a Imigração e Diálogo Intercultural

Um dicionário da língua portuguesa define empreendedor como “aquele que empreende; arrojado; activo”. Segundo esta definição semântica, todos os imigrantes, sem excepção, são empreendedores.

Ousar partir para um país estrangeiro, à procura de emprego e de melhores condições de vida, não deixa de ser um sinal de arrojo, que evidencia a não resignação de um ser humano às circunstâncias adversas da sociedade de nascimento.

É de coragem o que este gesto de partir – tão intrinsecamente humano – trata.

Sucede que estamos habituados a olhar para os migrantes enquanto trabalhadores assalariados, inseridos nos trabalhos mais duros que, a maior parte das vezes, os trabalhadores dos países de acolhimento rejeitam.

Contudo, a integração laboral dos migrantes é bastante mais rica e complexa do que a situação dos trabalhadores assalariados, existindo imigrantes cuja visão cria emprego e riqueza para a sociedade de acolhimento.

Apesar de cada situação na profissão ter a sua própria função e utilidade social, diria que tendemos a valorizar mais o trabalhador assalariado imigrante em prejuízo da visibilidade do empreendedor imigrante que cria emprego e gera valor no nosso país.

Na verdade, há muito que sabemos que a audácia dos imigrantes não se esgota nessa redutora visão do fenómeno migratório cingida aos trabalhadores por conta de outrem.

Há muito que se observam nas sociedades contemporâneas pistas seguras relativas à capacidade de iniciativa empresarial de muitos dos nossos imigrantes, contudo nem sempre essa é devidamente avaliada e nem sempre é publicamente reconhecida.

Entre nós, a nova Lei da Imigração – Lei 23/2007 de 4 de Julho – passou a reconhecer, pela primeira vez, um regime de acesso distinto para os empresários e trabalhadores independentes face aos trabalhadores por conta de outrem, tendo o Plano para a Integração dos Imigrantes – RCM n.º 63 A/2007 de 3 de Maio – pre-

visto também uma medida (13) de incentivo ao empreendedorismo imigrante. No terreno, o Centro Nacional de Apoio ao Imigrante, em Lisboa, já tem em funcionamento um Núcleo de Apoio ao Empreendedorismo que presta informações relevantes na constituição de empresas e de situações de micro-crédito, pretendendo ser um incentivo à criação de auto-emprego com vista à realização profissional dos imigrantes.

Este foi o tema escolhido para a nossa revista *Migrações* que, com título Empreendedorismo Imigrante, já vai no seu terceiro número. Destaco neste número temático a análise comparada das diferentes políticas internacionais com implicações para o empreendedorismo imigrante e o importante papel das organizações da sociedade civil no estímulo a esta realidade.

Só me resta terminar com uma palavra de agradecimento aos dois coordenadores e, devo dizer, empreendedores das ciências sociais, Catarina Reis Oliveira e Jan Rath, a quem agradeço o excelente trabalho realizado.